

ANA E MIA: DISCURSIVIDADES SOBRE O CORPO NO MUNDO VIRTUAL

ANA AND MIA: DISCOUSIVE PRACTICES ABOUT THE BODY IN THE VIRTUAL WORLD.

Simone Rodrigues Alves de Melo¹

RESUMO: Este trabalho é um estudo sobre a página inicial do blog “Tudo sobre ana & mia: 20 mandamentos da ana/mia”, que pode ser facilmente acessada na internet por pessoas de qualquer idade. Essas comunidades dão dicas, orientações de como tornar-se uma anoréxica ou bulímica, fornecendo uma lista de mandamentos que ensinam, orientam como não engordar ou como emagrecer. Baseado nas orientações encontradas no blog “Tudo sobre ana & mia: 20 mandamentos da ana/mia”, de como fazer os rituais que levam a ambas as “doenças”, propomos pensar, através da análise de discurso, o papel polinizador da tecnologia para este fim.

PALAVRA-CHAVE: anorexia; bulimia; análise de discurso; tecnologia; blog.

ABSTRACT: This research is about a study of the front page of the blog “Tudo sobre ana & mia: 20 mandamentos da ana/mia”, which can be easily reached over the internet by people of all ages. On these communities, one can get tips about how to become anorexic or bulimic, mostly through a list of commandments on how not to get fat or how to get skinny. Anorexia and bulimia are “diseases” that are commonly found in the teenage environment. Based on the tips found on the blog “Tudo sobre ana & mia: 20 mandamentos da ana/mia”, on how to perform the rituals of both diseases, a proposition was made to observe the spreading factor of technology for this purpose, making use of the theories of discourse analysis.

KEYWORDS: anorexia; bulimia; discourse analysis; technology; blog.

1 INTRODUÇÃO

A proposta do presente artigo é analisar a constituição de discursividades sobre o corpo a partir do modo como a anorexia e a bulimia são indicadas/aconselhadas na rede social presente nas novas tecnologias de linguagem, baseando-se para isso nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD). Objetivou-se realizar reflexões que permitissem compreender de que modo o corpo é significado na e pela linguagem. Para tanto, analisamos a textualidade do *blog* no sentido de refletir sobre os discursos de subjetivação relacionados à bulimia/anorexia. “Tudo sobre ana & mia: 20 mandamentos da ana/mia”: esses dizeres do *blog* nos levam à possibilidade de pensarmos o corpo através da linguagem, que nesse momento é uma linguagem/corpo pertencente ao universo tecnológico-midiático.

¹Graduada em Psicologia pela EFRJ. Mestre em Análise do Discurso pela UNIVÁS. Doutoranda em Análise do Discurso pela UNIVÁS. E-mail: simonera@ig.com.br.

A proposta dita acima nos traz questões relacionadas com os gestos de interpretação encontrados no mundo digital a respeito do corpo. Para pensarmos os gestos de interpretação mobilizamos as seguintes noções: memória discursiva, historicidade, pré-construído. Em relação a este último, vale já frisar que o pré-construído pertence ao interdiscurso que, por sua vez, é o espaço externo, exterioridade, onde são localizados e acionados outros discursos em circulação, o já-dito. Pêcheux (1975, p. 99) apresenta o conceito de pré-construído como sendo um termo proposto por Paul Henry “para designar o que remete a uma construção anterior”. Pêcheux explica que o pré-construído consiste “no modo que um elemento de um domínio irrompe num elemento do outro [...] como se esse elemento já se encontrasse aí”.

Da perspectiva discursiva, com base em Orlandi (2013, p. 1), “interpretação significa dizer que, na análise de discurso, múltiplas análises de um mesmo material é próprio da construção do conhecimento (discursivo) e constitui o debate intelectual, que faz o conhecimento se movimentar”. Esse gesto de interpretar, dessa forma entendido, é um processo que não se fecha, que é incompleto em sua significação, portanto inesgotável.

Outra questão a ser levantada é a imposição da tecnologia nos dias atuais. A presença constante da tecnologia em nosso século traz consigo questões a serem respondidas como, por exemplo: quais as especificidades do discurso digital e quais seriam seus diferentes modos de significar? Orlandi (2009, p. 62) expõe que:

A linguagem digital, ou o discurso eletrônico, [...], re-organiza a vida intelectual, re-distribui os lugares de interpretação, desloca o funcionamento da autoria e a própria concepção de texto. Mas não nos enganemos. É ainda uma tecnologia da escrita.

A autora, assim, afirma que a vida intelectual é afetada pelas novas tecnologias de linguagem, mas que, apesar de nova, ela tem as propriedades pertencentes à linguagem. Diante dessa perspectiva, refletir sobre a escrita no ambiente virtual permite observar a construção discursiva de corpo, que é a proposta de reflexão do presente trabalho.

2 AS IMAGENS DO CORPO E SUA PADRONIZAÇÃO

Ao longo da história podemos ver a valorização do corpo surgir com diferentes formas, em Roma os corpos perfeitos e atléticos era o padrão de beleza a ser seguido, na Idade Média², formas mais arredondadas demonstrando seres abastados aparece como padrão de beleza. No século XXI, o culto recai sobre o corpo magro. A mídia despeja mensagens constantemente de como para termos sucesso é preciso sermos magros. Modelos cada vez mais magras desfilam com sua riqueza e *glamour*, nas novelas as atrizes magras são ícones de beleza e sucesso, nos outdoors é possível ver o mesmo acontecer. O discurso sobre o corpo perfeito afeta a sociedade à medida que faz circular a ideia de que é preciso atender a esse modelo magro para se obter sucesso e ser valorizado.

O corpo torna-se um lugar de observação, pois ele explicita demandas sociais, tais como a necessidade de ser olhado, de ser valorizado, de ser amado, produzidas pela “obsessão pelo corpo perfeito ditado pela mídia” (GRIGOLETTO; JOBIM, 2013, p. 78).

A mídia, no presente artigo, é vista como o principal dispositivo discursivo que estabelece a historicidade atual, como Grigoletto (2007, p. 15) coloca:

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.

Ela é um acontecimento que projeta a memória e o esquecimento. Tem sido constante vermos um processo discursivo encabeçado pela mídia na atualidade, o de formatar a identidade histórica que nos atravessa e nos constitui, o modo de subjetivação do sujeito em uma formação social, que no momento é ditado pela mídia que circula nas redes sociais como os *blogs*. Entender esse modo de subjetivação do sujeito contemporâneo através da mídia é um grande desafio, o qual o presente trabalho leva em consideração.

Para pensarmos o corpo como materialidade específica do sujeito e, portanto, significativa e que produz efeitos de sentidos (ORLANDI, 2012), faz-se necessário apresentarmos a construção teórica que nos norteia.

A linguagem aparece em Pêcheux (2011 p. 152) como:

² É preciso observar que na *Idade Média* há relatos de anorexia, porém o motivo era de fundo religioso e não de culto à magreza (BERGEL, 2013 *apud* Carmo, 1998).

nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades” de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada.

Assim, o autor aponta para as várias possibilidades de materialidade da língua, o que pode incluir o corpo. O corpo ao qual estamos nos referindo não é o corpo biológico e sim o corpo que deseja, que simboliza. A relação entre corpo, linguagem, história e discurso, possibilita analisar o processo de constituição do sujeito, que está relacionado à construção de uma memória afetivo-discursiva (SILVA, 2010 *apud* VINHA, 2014).

A noção de corpolingüagem discursivo de Vinha (2014) parte da proposta lacaniana de ser falante, sendo este um ser social, que responde imaginariamente, de forma não consciente, às determinações ideológicas. E que se submete à linguagem e, portanto, à incompletude da mesma. Assim como há uma incompletude na língua, existe uma incompletude no corpo, já que esse traz a marca do efeito do real e a o efeito do trabalho simbólico. A noção de corpolingüagem discursivo nos ajuda a pensar esse sujeito que aparece no *blog* Ana e Mia.

3 ANOREXIA E BULIMIA

Junto ao culto à magreza nos dias atuais, encontram-se a anorexia e a bulimia. A anorexia e a bulimia são “doenças”³ cada vez mais frequentes entre jovens, atingindo, principalmente, a faixa etária dos 15 aos 19 anos. A anorexia nervosa caracteriza-se por uma recusa alimentar que pode levar à morte, já a bulimia consiste em grandes quantidades alimentares ingeridas em curto espaço de tempo seguida de práticas de expurgo ou compensatórias, como por exemplo, excesso de atividade física. Em ambas há uma preocupação exagerada em não ganhar peso, realizando práticas de expurgo e excesso de atividades físicas para eliminar calorias e assim a perda de peso acontecer (CLAUDINO; BORGES, 2002).

Na anorexia, a perda de peso é constante, devido a não ingestão alimentar, às práticas de expurgo e intensa atividade física. Essa perda de peso pode levar ao enfraquecimento, queda de cabelo, anemia, falta de diversas vitaminas, alterações hormonais que provocam amenorreia, podendo levar ao óbito.

³ Doença aparece entre aspas, porque no CID-10 (Código internacional de Doenças), no capítulo referente a psiquiatria, o nome doença é substituído por transtorno. Segundo a discussão apresentada por Melo (2010) em sua dissertação de mestrado sobre esses nomes e sua substituição, permiti considerar bulimia e anorexia patologias e, portanto, ao longo do trabalho, utilizaremos o termo doença ao nos referirmos a elas.

A bulimia apresenta episódios recorrentes e sem controle de grande ingestão de alimentos, em curto espaço de tempo, seguido de atitudes para evitar o ganho de peso, como, por exemplo, provocar o vômito, ingerir laxante, diurético e rigorosa atividade física. Nesse quadro não se apresenta uma magreza extrema e sim uma oscilação constante de peso.

A grande diferença em ambos os quadros é que na anorexia há um quadro de grande desnutrição.

A faixa etária de jovens adolescentes é a mais acometida pela bulimia e pela anorexia, o que pode ser relacionado à adolescência ser uma fase em que o sujeito traz questões relacionadas a imagem corporal, consequência das mudanças corporais que está experimentando e por estar em formação sua personalidade e o que o leva ter necessidade de sentir-se aceito e pertencente a um grupo.. Na adolescência, é experienciada uma série de mudanças físicas que muitas vezes pode ser sentida como ganho de peso. No caso das meninas, por exemplo, o quadril passa a ter um maior depósito de gordura, os seios desenvolvem-se, a chegada da menarca traz a retenção de líquido, dando a sensação de ter mais peso. Muitas vezes, as adolescentes não conseguem lidar com esse novo corpo e com todas as novas sensações que ele produz, levando-a a uma busca de identificação para aliviar tal efeito.

Considerando que vivemos em uma sociedade midiática (como já mencionamos anteriormente), que faz circular um discurso sobre o quanto o corpo precisa estar dentro de um padrão de magreza, a compreensão sobre as mudanças corporais não é discutida. Impera a imagem de um corpo padronizado e observa-se aí a força de uma sociedade midiática normativa.

A relação de corpo, cultura e sociedade, é discutida por Foucault (1987, p. 118), que afirma: “em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. O autor assim explicita o quão independente da época o corpo aparece envolto em regras e limites, que determinam parâmetros a serem seguidos. Trazendo isso para a adolescência, a busca do corpo perfeito remete a uma necessidade presente nessa fase que é a do pertencimento, da busca da identidade, como já foi dito.

Nos *blogs* de Ana e Mia, de autoria desconhecida, mas direcionado ao público que busca o corpo magro como perfeito, há o estabelecimento de regras que preveem a obediência do leitor, ordenamentos que provocam a perda de peso e com isso a possibilidade de reconhecimento ou de pertencimento a um grupo. Tanto a identificação do sujeito que posta os mandamentos como a de quem lê fica no anonimato permitido pelas novas tecnologias de linguagem.

4 CORPO E TECNOLOGIA

As novas gerações nasceram circundadas pela tecnologia digital. Estar ligado à rede para um adolescente faz parte da sua rotina diária. É através da rede social que ele conversa com os amigos, tem o *crush*⁴, enfim se socializa, busca por informações e muitas vezes encontra no corpo a linguagem necessária para fazer parte de uma comunidade, como tentaremos demonstrar ao longo do texto.

Na adolescência, é comum observarmos que há uma tentativa de visibilidade, um desejo de ser visto pelo outro, uma alteridade que busca o conforto do “curtir”⁵, da aprovação e do pertence a um grupo. Este sujeito adolescente busca, o acolhimento e a aceitação, que pode vir acompanhado de trocas, sugestões que auxiliam o sujeito a se tornar mais eficiente naquilo que se propõem (MEDINA, s.d.). Essa busca encontra um caminho quando se depara com *blogs* como o da ana e mia.

Os *blogs*, segundo Bergel (2014, p. 6), são uma “ferramenta colaborativa na troca de informações e conhecimentos, ao qual permite ao colaborador expor abertamente suas ideias, tornando-se um veículo de comunicação e principalmente de persuasão”.

Na contemporaneidade, é comum dizermos que a tecnologia invadiu nossa vida, possibilitando que a comunicação se torne mais rápida, gerando uma necessidade constante de atualização. Numa sociedade, onde “tempo é dinheiro”, os velhos encontros em parceria com amigos para jogar conversa fora só acontecem na maioria das vezes virtualmente. É possível dizermos que não se vê um amigo há muito tempo, mas que se conversa com ele todos os dias por meio dos mais diferentes dispositivos e redes sociais em funcionamento hoje. Podemos dizer que temos amizade e conversamos diariamente com alguém que nunca encontramos pessoalmente.

Colocamos nossas vidas no *facebook* e esperamos para ver quantas curtidas merecem e assim saber o quanto somos aceitos. Há uma subjetivação que precisa ser exposta, tornar-se pública. O “Eu” aparece nas comunidades virtuais e nelas ele sofre, deseja e expõe-se de forma a proteger-se através de uma tela. Na rede social, o sujeito constitui-se passando por uma “formulação e circulação de um conhecimento do mundo, de um saber” (DIAS, 2011, p. 637).

⁴ Maneira como os jovens nomeiam os primeiros relacionamentos amorosos virtuais.

⁵ Curtir refere-se ao ato de publicar um dizer ou uma imagem no *facebook* e as pessoas que visualizam demonstram sua aprovação apertando o botão de curtida nesta rede social.

Nas redes o conhecimento é divulgado e os modos de subjetivação e individualização do sujeito acontecem.

Dias e Couto (2011) se baseia em Orlandi (2001) para explicar que o modo de subjetivação do sujeito acontece através de dois movimentos: a entrada do sujeito no simbólico, por meio da linguagem; o modo como ele vai se relacionar com as instituições e discursos, assumindo uma posição na sociedade. Propomos pensar como o espaço da internet permite circular o conhecimento e afeta a subjetivação no discurso.

Segundo Medina (s.d.):

(...) a internet é o local em que o corpo se desloca de sua realidade orgânica para se tornar uma extensão imagética de formas variadas e ideias, é também ali que a exposição de si se promove, através de narrativas em blogs ou em comunidades virtuais em geral, uma nova formatação do “eu” e de sua identidade.

Através da internet existe uma dissociação da comunicação e da presença física, não há fronteira para esta. A possibilidade de não organicidade do corpo na vida cibernética traz a artificialidade, o corpo, ou melhor, o sujeito com seu corpo pode perder a identidade através de codinomes (comumente utilizados por internautas), abrindo a possibilidade de um mundo onde esse mesmo corpo pode corrigir-se em busca da perfeição que pode ser compartilhada, linkada.

Nesta direção, é importante pontuar que o desejo do corpo, imaginariamente, perfeito tem uma força que autoriza a destruição do mesmo, como veremos nas análises do *blog* ana/mia mais à frente.

Orlandi (2003), explica que:

A noção de “informação”, (...) ganha novas determinações, na perspectiva discursiva e no modo como a mídia, as novas tecnologias de linguagem e o deslocamento produzido nas relações dos sujeitos com a linguagem entram em consideração. A “informação” se coloca no lugar de outros efeitos de linguagem. Que se deslocam trazendo para a reflexão a noção de texto. Saber como se elabora um texto, saber como se dá a escrita é saber elaborar teoricamente as novas formulações que hoje se produzem. Novas formas de textualidade. (...). Novas formas de autoria em novos contextos de realização, em outras formas materiais, ou seja, como se diz em análise de discurso, em outras condições de produção. Portanto, estabelecendo outros processos de significações onde a noção de “informação” tem outro estatuto, em que aparece como efeito (ORLANDI, 2003, p. 9).

Desse modo, a autora traz para discussão as novas tecnologias de linguagem em face das condições de produção. Lembremos que condição de produção é uma noção formulada por

Pêcheux (1969), pela qual ele explica que discurso tem relação com a exterioridade, sendo constituída pelo sujeito, situação (contexto sócio-histórico-ideológico e circunstância da enunciação) e pela memória discursiva.

Orlandi (2013) afirma que as circunstâncias de enunciação corresponderiam ao contexto imediato que se constitui da situação em que o discurso foi produzido, a história seria a produção de elementos que significam de acordo com o imaginário do sujeito. A memória nesta perspectiva seria correspondente ao interdiscurso, o que já foi dito antes, uma memória constituída pelo esquecimento, no sentido que elas ficam anônimas, esquece-se de quando se ouviu pela primeira vez. E é por isso que os sentidos podem mudar pela possibilidade “do outro” interpretar de formas variadas o que foi dito, de buscar sentido, filiando-se a uma memória discursiva. São muitas vezes processos históricos diferentes constituindo memórias diversas.

Pensar sobre as condições de produção e a memória discursiva é que vai nos permitir entender porque é importante, para analisarmos um discurso, fazer perguntas como: quem diz, para quem se diz, onde, quando, pois essas vão nos fornecer, muitas vezes, vestígios do processo de significação. Guimarães (2009) diz haver na atualidade a constituição de uma relação de saber que se compõe pelas políticas de estado, pela produção científica, em uma ponta, e, em outra, os pesquisadores, a mídia e o público. Uma sociedade do espetáculo⁶ onde a necessidade de exposição, de informação e de saber se fazem presentes e podem ter vazão nas redes sociais.

Orlandi (2009) realça que:

Como sabemos, as diferentes linguagens com suas diferentes materialidades, e, entre elas, com decisiva importância, a digital, têm seus distintos modos de significar que, ao mesmo tempo, desafiaram o homem, mas também uma abertura para o (e do) simbólico. Lugar de invenção, de diferença, de exercício da habilidade. A língua digital, ou o discurso eletrônico, como preferir chamar, reorganiza a vida intelectual re-distribuindo os lugares de interpretação, desloca o funcionamento da autoria e a própria concepção de texto (ORLANDI, 2009, p. 62).

A circulação e formulação do conhecimento estão, portanto, presentes em um novo meio, o ambiente virtual. Com isso, ganham novas determinações que precisam ser consideradas. Uma delas, segundo a mesma autora, é a da escrita com a oralidade. Orlandi (2009, p. 66) afirma que ao explorarmos o virtual e o imaginário desta relação podemos compreender que a materialidade da linguagem incorpora o modo de existência do concreto em sua forma formal,

⁶ Referência ao livro: O Show do eu, de Paula Sibília. Esse é um termo criado em 1931 por Guy Debord (filósofo francês) e que foi proposto para falar da sociedade capitalista.

empírica e virtual. Há uma sinalização da atuação diferenciada da memória entre o texto digitalizado e o manuscrito. O texto produzido no computador pertence a uma memória metálica que Orlandi (1999) afirma que é a “infinidade de informação” e que produz o efeito de onipotência e deslimite, provocando um efeito de homogeneização dos saberes.

É, portanto, preciso interrogar as novas tecnologias em face dos sujeitos, da história, da ideologia, do político, o que nos leva aos processos de significação. Assim, antes de entrarmos nas análises, julgamos pertinente considerarmos o papel da memória discursiva nesses processos.

5 MEMÓRIA DISCURSIVA

No discurso eletrônico, como em qualquer outro, a produção de discursos envolve a constituição, a formulação e a circulação de sentidos. Orlandi (2006, p. 9) explica que a constituição do discurso implica a memória do dizer e o que leva à intervenção do contexto histórico-ideológico mais amplo, a sua formulação relacionada às condições de produção, e à circulação do discurso que ocorre em certa situação e segundo certas condições.

O modo como circula o discurso eletrônico permite refletir sobre a especificidade do mesmo, “que estabelece processos de significação onde a noção de “informação” (em qualquer quantidade é estruturante) tem outro estatuto, outros modos de significação, em que aparecem como efeito” (ORLANDI, 2009, p. 65). Nesta direção, Orlandi esclarece que o dispositivo analítico terá sua forma afetada pela natureza do material significante, diferentes materialidades são analisadas diferentemente, portanto, é necessário considerar a materialidade do discurso digital/eletrônico, para pensarmos nos sentidos que nele circulam.

Acreditamos ser necessário estabelecermos distinções entre memória discursiva (PÊCHEUX, 1975), memória institucional e memória metálica (ORLANDI, 2003). A memória discursiva, a qual se constitui pelo esquecimento, é aquela que [algo] fala antes, produzindo o sentido que já existia, a memória discursiva em funcionamento, o “já dito”.

Outra perspectiva da memória seria denominada memória de arquivo ou institucional, que diz respeito àquilo que não se esquece, que as instituições oficializam, documentam (ORLANDI, 2003). Ainda é possível falar de memória metálica, caracterizada pela linearidade do interdiscurso. Conforme Orlandi, dizer o dito e esquecido que constitui a possibilidade do dizer, correndo o risco de reduzir o saber discursivo a um pacote de informações ideologicamente equivalente, sem distinguir a posição sujeito a partir da qual ele se produz. Seria a memória produzida pela mídia, memória da circulação marcada pelas novas tecnologias de linguagem. Segundo Orlandi (2010):

A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um constructo técnico (televisão, computador, etc.) (...) Quantidade e não historicidade. Produtividade na repetição, variedade sem ruptura. E o mito, justamente, dessa forma de memória é o “o quanto melhor”. O que é discutível do ponto de vista do que chamamos memória discursiva, a constituída pelo esquecimento (ORLANDI, 2010, p. 9).

O conceito de memória metálica refere-se ao modo de circulação dos discursos mais recentemente, ou melhor, na contemporaneidade. No texto “Televisão e memória”, Orlandi (2012, p. 182) explica que, na relação memória e tevê, “a Têvê metaforiza a relação do homem com a linguagem. Ou melhor ela se faz metáfora. [...] o homem se significa por essa linguagem que apaga a memória histórica e a substitui por uma linguagem metálica”. Ao pensarmos que essa memória através dos *blogs* atinge milhões de internautas, podemos pensar em como fica a figura desse sujeito do discurso.

Um pequeno recuo no tempo nos permite pensar na figura do sujeito religioso que estava sob as regras do texto bíblico, posteriormente aparece o sujeito jurídico que se submete ao texto do estado (jurídico) e recentemente temos o sujeito midiático com o texto submetido à tecnologia, ao ambiente virtual e a globalização, múltiplas linguagens em uma só. Acreditamos que a existência de um sujeito não é anulada pelo aparecimento do novo sujeito; eles coexistem com forças diferentes e trazendo material diferente para a memória.

Orlandi (2010, p. 6) afirma que a AD trabalha com a relação ideologia e linguagem e que, portanto, “toma-se assim a relação língua/sujeito/história, e introduz-se o objeto discurso como observatório para compreender como a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”. A partir dessa afirmação é que analisaremos o discurso da página inicial do *blog* Ana/mia (que pode ser visto logo abaixo), observando os efeitos de sentido e a constituição de sujeito, lembrando que “o sujeito ao significar, significa-se” (ORLANDI, 2010, p. 6).

6 ANA/MIA: AS DISCURSIVIDADES SOBRE O CORPO

Ao digitarmos no Google “ana e mia” surgem, na tela, diversos endereços eletrônicos, tais como: alfa-anna-mia.blogspot.com.br (iniciando ... ana/mia), promiaeproana.blogspot.com.br, Pró ana e Pró mia (truques dicas e conselhos), anamiasempre.blogspot.com.br (perfeição não inclui comida), tudosobreanaemia.blogspot.com.br/2008/05/20-mandamentos (Tudo sobre ana & mia: 20 mandamentos da ana/mia.).

Ao abrir o primeiro endereço, “iniciando ... ana/mia”, surge uma tela com a imagem de uma borboleta que parece sair da mão de uma moça; a continuação da página contém depoimentos do que foi realizado no dia da pessoa que está postando, no sentido de tornar-se ana/mia, assim como depoimentos do sofrimento de pessoas que tentam ser ana/mia sem obter sucesso.

A página seguinte, “Pró ana e Pró mia (truques, dicas e conselhos)”, aparece com a imagem de duas moças muito magras deitadas no gramado, dando a impressão de estarem curtindo o dia. Logo após a imagem, aparece o discurso de um anônimo se dirigindo ao leitor que quer ser ana/mia, que diz saber o quanto é difícil ser mia e, que, por isso, ele está ali para ajudar; isso é seguido pelas dicas de como miar⁷.

Ao clicarmos em “perfeição não inclui comida”, a foto de uma bela mulher, apesar de muito magra, aparece acompanhada do nome da página e seguida de vários depoimentos que, na sua maioria, contam as práticas de expurgo de quem faz a postagem.

Clicando no endereço seguinte, temos “Tudo sobre ana & mia: 20 mandamentos da ana/mia”, que foi o endereço eletrônico escolhido para a presente pesquisa, por já no título apresentar o termo “tudo”, que é um pronome indefinido que remete à totalidade e que em composição com 20 mandamentos remete, via memória discursiva, a determinadas regras.

Ao acessarmos o site, uma imagem inicial, também, nos chamou a atenção pela riqueza de detalhes contidos na imagem que constituem as discursividades sobre o corpo apregoadado por “ana e mia”, como se vê abaixo. Nesta página, além da imagem exposta abaixo, também, há 20 mandamentos seguidos de postagens depoimentos sem resposta; ao lado encontram-se um campo com a opção fale conosco, meu perfil no Orkut e arquivos do *blog*. No presente trabalho concentraremos nossas análises na imagem selecionada e nos mandamentos.

⁷ Miar é o temo usado para referir-se a vomitar.

Imagem 1: Imagem selecionada para a análise do *blog* Tudo sobre ana & mia: 20 mandamentos da ana/mia⁸.



1. Olhe no espelho e diga a vc mesmo que está gorda.
2. Não acredite no que os outros andam dizendo a seu respeito. Você nunca estará magra o suficiente.
3. Olhe imagens de mulheres belas e magras diariamente, e torne-se uma delas.
4. Não pense ou coma comida. Comida lhe faz engordar, QUALQUER comida lhe faz engordar.
5. Beba o maximo de água que puder. Se sentir q vai explodir, beba um pouco mais.
6. Não chore, chorando você faz drama e demonstra que não tem controle e é fraca.
7. Não conte a nenhum amigo que vc e MIA... ou ANNA... eles querem acabar com elas.
8. Faça diariamnte exercícios físicos, exageradamente e nunca ache que está demais.
9. Fique sempre de olho nas calorias... Se puder não coma, só quando estiver fraca d+ a ponto de perder os sentidos.
10. LEMBRE-SE: COMER É PARA OS FRACOS!!!
11. Nunca rejeitar um bom copo de água gelada.
12. Guardar pelo menos 5 reais da mesada para os laxantes.
13. Cuidar da aparência.

Antes de começarmos as análises lembremos a afirmação de Orlandi (2010 p. 8): “uma imagem posta junto ao verbal, no digital, não deve ser simples exercício de ilustração, mas significação atestando a abertura do simbólico, dispersão de sentido”. E, também, o fato de que “podemos considerar uma imagem um texto” (ZEN, 2007), mas com sua materialidade diferente, ela constitui um objeto simbólico, significante, diverso e que produz efeitos de sentidos específicos a sua forma e sua materialidade, que trazem uma significância textual assim como a escrita.

⁸ Disponível em: <<http://tudosobreanaemia.blogspot.com.br/2008/05/20-mandamentos-da-anamia.html>>

É a partir dessas perspectivas que começaremos as análises pela imagem de abertura do *blog*. Nela podemos perceber um deslizamento de sentido entre magreza, beleza e saúde. Há uma semelhança com outros *blogs* que trazem em sua página dicas de como ter saúde.

Antes mesmo de ler os mandamentos podemos nos ater à imagem acima, que chama a atenção com o antagonismo do prazer da barra de chocolate e a figura da boca selada, ambas amarradas por um laço que marca a artimanha dessa relação. A taça com água e a boca em que não pode entrar alimento acompanhada pelo laço de fita negra, demarcam o discurso da proibição de ingestão de alimentos em prol do corpo magro que encontra-se ao lado, indicando o desejo pleno de obter o osso aparente como significado de beleza e corpo perfeito. A figura do vaso sanitário e a moça em posição de quem realizou um expurgo demonstra o sofrimento ao qual o corpo é submetido em direção do desejo maior da magreza. O corpo aparece como fonte de sofrimento, o que não podemos dizer que é uma construção da contemporaneidade, haja vista os espartilhos usados por mulheres no passado, apertados o suficiente para dificultar a respiração e afinar a cintura; hoje, essa peça foi trocada pela cirurgia que retira a costela flutuante, com o mesmo objetivo. Ao fundo da imagem existe um quebra-cabeça, que são peças de encaixe, o que traz um efeito metafórico que causa a inferência do quanto para ser ana/mia é preciso jogar com as situações que levam à ingestão de comida de modo a encaixar outras possibilidades de saciar-se para que o quebra-cabeça alimentar se encaixe e não provoque o aumento de peso.

Ainda é possível referenciar os 20 mandamentos como sendo uma possibilidade de ordenamento para montar o quebra-cabeça alimentar. Há três corações desenhados só pela borda; coração remete à memória de amor, amor a ana/mia.

A imagem é acompanhada pelos enunciados: “eu vou conseguir”, “tudo sobre ana e mia” e “um mundo que você nunca vai entender”. Neste contexto, pensando os já-ditos, “vou conseguir” é uma frase afirmativa que incentiva a autoconfiança, fortalece a crença de que é possível conseguir ser ana e mia. O enunciado “tudo sobre ana e mia”, nessas condições de produção, produz um efeito de totalidade, do esgotamento do conhecimento sobre ser anoréxica ou bulímica, o que parece uma oposição ao enunciado seguinte: “um mundo que você nunca irá entender”, pois apesar de estar ali todo o conhecimento, esse não traz o entendimento sobre ser ana/mia, ele traz somente o conhecimento.

O enunciado “um mundo que você nunca irá entender” aparece com menor destaque que os demais, e pode ser analisado como um deslizamento para figura do quebra-cabeça, afinal, é complexo montar um quebra-cabeça, entender seu funcionamento, assim como o funcionamento

da ana/mia. Paralelamente, irrompe com a força de um pré-construído, no sentido de apontar que o ritual proposto não se enquadra, ou até mesmo contraria, o discurso da saúde.

O nome “mandamento” chama a atenção por remeter à memória dos dez mandamentos, um vestígio do discurso religioso, sendo que o que escapa desses mandamentos é significado como pecado no discurso religioso, portanto, não cumprir os 20 mandamentos de ana/mia, é estar em pecado. Poderia ainda ser pensado que a ocorrência da palavra mandamento remeteria a um discurso da autoajuda, no sentido de que fornece uma fórmula que contém o imediatismo que leva à conquista do que se quer de forma rápida. O nome “mandamento” também atualiza o sentido de ordenamento, comando, o que se compõe com os diversos verbos no infinitivo, que, por sua vez, mostram o quanto a escrita desse *blog* é determinista.

Abaixo da imagem, encontram-se os 20 mandamentos, que são formulados através de verbos no imperativo como, por exemplo, olhe, veja, faça, não chore etc., o que caracteriza essa escrita como sendo orientações de como proceder, um ordenamento. São determinações a serem seguidas para conseguir ser ana/mia e, assim, conseguir o corpo perfeito, entendido aqui como extrema magreza.

“Olhe no espelho e diga a vc mesmo que está gorda”, esse primeiro mandamento traz a abreviação do você por vc, algo muito comum de acontecer na escrita tecnológica; os internautas abreviam palavras para que a digitação seja mais rápida. Além da questão do tempo, podemos pensar que muitas vezes essa escrita está substituindo a comunicação verbal, assim precisa ter a mesma agilidade, além da marcação da oralidade. Segundo Grigoletto e Jobim (2013, p. 74), “estamos diante de uma escrita fluida, efêmera, sem compromisso com a norma padrão, mas nem por isso livre de determinação”. No caso dos *blogs*, o que vemos funcionar é uma determinação imposta pela sociedade midiática. A ordem marcada no enunciado nos mostra, ainda, outra questão que é do imaginário e o real. Ela não considera o peso do corpo físico. O corpo físico dá lugar para o corpo imaginário que está sempre gordo. Estamos falando de um corpo pertencente ao simbólico. Portanto, o corpo sempre será gordo, porque a necessidade de emagrecer é eterna. Trata-se, aqui, de um pré-construído em face da manutenção de um imaginário de corpo gordo, desqualificando-o e impondo àquele que entra no *blog* (marcado pelo vocativo vc) a condição de estar gordo.

No segundo mandamento, “Não acredite no que os outros andam dizendo a seu respeito. Você nunca estará magra o suficiente”, há uma reafirmação da necessidade da magreza, e uma desvalorização da fala do outro. O outro aparece como não confiável, como alguém que não diz o que pensa. Esse mandamento relaciona-se com o primeiro – “Olhe no espelho e diga a vc

mesmo que está gorda” – no sentido de se acreditar que estar gorda é uma condição real. “Sempre não acreditar no que falam” permite que não haja a possibilidade de se duvidar dessa verdade.

Seguindo a ordem dos mandamentos, chegamos ao terceiro: “Olhe imagens de mulheres belas e magras diariamente, e torne-se uma delas”. O ordenamento, aqui, é que seja eleito um modelo, o qual deve servir de inspiração, meta e reforço. O discurso explicita o já-dito “mulheres magras têm o corpo ideal”, ou, “a mulher para ser bela tem de ser magra”. Neste sentido, a ordem é seguir esse exemplo e tornar-se uma delas. O pré-construído do corpo ideal aqui é reiterado e a relação de magreza com beleza aparece de maneira determinista como sendo a única possibilidade de ser bela.

O quarto e quinto mandamentos se complementam. Vejamos:

“4- Não pense ou coma comida. Comida lhe faz engordar, QUALQUER comida lhe faz engordar”.

“5- Beba o máximo de água que puder. Se sentir q vai explodir, beba um pouco mais”.

A regra é substituir comida por água, já que esta não engorda e pode retirar a fome, assim não apenas um ordenamento como nos outros mandamentos, como também um ensinamento de como conseguir evitar a comida. A palavra QUALQUER aparece grafada em letras maiúsculas, o que promove um destaque a ela ao mesmo tempo em que parece assim constituir como uma espécie de alerta, enfatizando que não há a possibilidade de ingerir alimento que não engorde. No discurso de Ana e Mia, qualquer alimento deve ser evitado; há um apagamento do corpo saudável em detrimento de um corpo magro, significado como corpo ideal. Aqui, o discurso sobre uma alimentação saudável, sobre saúde, é totalmente interdito.

Esse mandamento ainda pode ser remetido à figura da taça de água acompanhada de garfo e faca, uma metáfora ao que deve ser sua refeição, e ao mandamento 11. Metáfora aqui concebida tal como para Pêcheux (*apud* Costa, 2012: p.79): “uma palavra por outra é a definição de metáfora, mas é também o ponto de partida em que o ritual se estilhaça no lapso”. O termo comida, na imagem, foi substituído pela imagem que desliza do matar a sede por matar a fome. Há um sentido de proibição de alimentar-se silenciado na imagem, o que nos permite observar o processo de construção de um efeito de sentido: *é proibido comer*.

O sexto mandamento é “Não chore, chorando você faz drama e demonstra que não tem controle e é fraca”. O imperativo acrescido da negação produz uma determinação, uma discursividade: *chorar é ser fraco, é não ter controle*. Chorar também aparece ligado a fazer drama.

Diante dessas discursividades, podemos afirmar que, pela negação, o que está dito, no sexto mandamento, é que, para ser uma ANNA ou uma Mia, é preciso ter controle de si.

Perceber a possibilidade de sigilo da escrita no *blog* aparece no sétimo mandamento: “Não conte a nenhum amigo que vc e MIA... ou ANA... eles querem acabar com elas”. Existe o silenciamento de que, naquele espaço, pode ser falado sobre Ana e Mia sem que se corra risco, mas fora de lá, o outro não vai permitir essa relação, uma prevenção deve ser tomada. Assim, o mandamento demarca o clandestino, assim como a abreviação do Mia e do ANA seguido de..., que esconde a identidade da anorexia e da bulimia.

“8- Faça diariamente exercícios físicos, exageradamente e nunca ache que está demais. 9- Fique sempre de olho nas calorias... Se puder não coma, só quando estiver fraca d+ a ponto de perder os sentidos”, esses dois fragmentos formam, em sua formulação, uma espécie “conselho”. Demonstram formas de driblar as calorias, chegando ao extremo dos exercícios ou da fraqueza. No fragmento 8, o indicado é a compensação, através do gasto da caloria e, no nono, pela exclusão das calorias. Também, notamos a presença da abreviatura da palavra demais por d+, marca dessa nova escrita, escrita do ciberespaço, das redes sociais.

“10-LEMBRE-SE: COMER É PARA OS FRACOS!!!”, aqui mais uma vez a oposição fraco X forte aparece, dando ao verbo comer a significância de fraqueza em oposição ao verbo comer acompanhado do advérbio de negação “não” (o que significa não ingestão de alimento). O valor de magreza desloca para condição de alcançar o desejável. As letras estão todas em maiúsculas, recebem a cor vermelha e três exclamações, são, assim, destacadas. Destaque que permite a compreensão de que esse é mandamento é fundamental, o mais importante: *não comer seria o principal ordenamento.*

Nos mandamentos seguintes:

“12. Guardar pelo menos 5 reais da mesada para os laxantes”

“14. Nunca mais gastar seu dinheiro com comida”

Há uma inversão da finalidade do dinheiro, que passa da ingestão do alimento, que faz bem para a saúde, para com o gasto do dinheiro com o remédio para o expurgo, que compensa as calorias e leva à magreza e, assim, a possível falta de saúde. O termo “mesada” nos dá pistas de que os mandamentos são destinados ao um leitor que ainda depende dos pais, que está na faixa etária que compreende os adolescentes.

O “13. Cuidar da aparência”, em um primeiro momento, parece ser contraditório, depois de tantos mandamentos que provocam um descuido com o corpo, com a saúde e, por consequência, provocam muitas vezes uma aparência de doença⁹. No entanto, é possível pensarmos que este mandamento se refere ao manter-se magro como um cuidado com a aparência. Pelo discurso, observamos que isso seria uma inversão do cuidar da saúde para se ter uma boa aparência, ou, ainda, a necessidade de disfarçar a anorexia ou a bulimia para que ninguém descubra o que é feito para manter-se magro, já que há uma transgressão do ato saudável em prol do emagrecer a todo custo. Com efeito, há um não-dito aí em funcionamento, pois parece que o que não é dito, mas pode ser explicitado pelo discurso, é que os atos prescritos são reprovados.

Um elemento novo surge no item “15. Sempre ter fotos de thinspirations com você”, trata-se da introdução de uma palavra pertencente a outro idioma, no caso o inglês. A escrita em uma rede social possui características próprias: “Isso significa dizer que a escrita virtual possui um formato próprio, que a diferencia da escrita produzida em outro ambiente, a escola, por exemplo, mas, não está livre das determinações sociais, tampouco de regras que são próprias do hipertexto” (GRIGOLETTO; JOBIM, 2013, p. 74). Se estivéssemos trabalhando com a escrita escolar esse estrangeirismo seria um anglicismo, uma incorporação da palavra de outro idioma no português. Porém, no caso acima, o estrangeirismo aparece em um *blog*, no mundo virtual, cuja presença das palavras em inglês é extremamente comum.

Na escrita virtual, o uso de palavras inglesas em textos em português parece produzir um efeito de memória, uma marca da historicidade, considerando que a memória discursiva seria

aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

A história da internet remete à língua inglesa, o que leva a refletir que por um efeito de memória ela está presente na *web*, naturalização de sua presença.

⁹ A aparência doentia refere-se ao emagrecimento exagerado, ao ressecamento da pele, queda de cabelo, dentes corroídos pelo ácido do estômago, depois de frequentes vômitos, dedo indicador amarelado pela prática constante de expurgo, entre outras consequências.

Thinspirations é um neologismo que desmembrado ficaria *thins* (magro) + *inspirations* (inspiração), o que produz inspiração magra. Remetendo isso ao mandamento “15. Sempre ter fotos de *thinspirations* com você”, teríamos um ordenamento de ter um modelo de inspiração magra que sirva como motivação diária.

No décimo sexto mandamento, “16. Rejeitar o máximo de refeições”, temos termos que demonstram radicalismo, não possibilidade de exceção, um exemplo de extremo é o uso do termo rejeitar que pode ser entendido como abandonar ou abdicar, o próprio adjetivo “máximo” marca o extremo. Seria um mandamento fundamental abdicar do alimento para ser ana/mia e, assim, ter o corpo ideal que é a magreza extrema. A grande norma.

Nos mandamentos seguintes:

“17. Nunca abrir mão de sua amiga bulimia e de esportes”

“18. Vencer os desafios que vierem pela frente”

“19. Mentir quando necessário”

podemos perceber uma personificação da bulimia em “amiga”, o que é uma inversão, pois a amizade é a construção de uma relação saudável de compartilhamento e confiança. Trazer isso para uma doença que, no caso, é a bulimia, é inverter aquilo que faz mal em algo que faz bem. O termo amizade remete aos sentidos de a afeto, apego, assim a determinação é apegar-se a doença (bulimia). No que se refere ao esporte, também, é ordenado que não se abra mão dele, que, aqui, também, produz um efeito de inversão, pois essa determinação não é de praticá-lo para obter saúde e sim para se gastar o máximo de calorias e adquirir a magreza extrema, mesmo adoecendo.

Os mandamentos 18 e 19 são ordenamentos que ajudam a manter a determinação do mandamento 17. O verbo no infinitivo “vencer” poderia, por paráfrase, ser reformulado para “ficar firme diante da vontade e necessidade de comer”.

O mandamento 19 que autoriza a mentira como aceitável, algo que traz um “benefício”: manter a condição bulímica, assim, a mentira que é inaceitável socialmente passa a ser admissível.

O vigésimo mandamento “20-Mesmo depois de ter uma grande compulsão não desista”, o adjetivo de tamanho “grande” traz, como em outro mandamento, a referência ao extremo, não é qualquer episódio compulsivo, mas, sim, um enorme é que pode ameaçar a proposta de ser ana/mia. Isso remete ao conhecimento da bulimia, que apresenta episódios bulímicos. É como se eles já fossem esperados e, portanto, não seriam uma ameaça, mas os grandes seriam ameaças, porque estariam fora do esperado, do previsto. Há uma tentativa de prevenção, no sentido de orientar para algo que possa acontecer.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM EFEITO DE INVERSÃO

Ao longo desse trabalho foi possível observar que o discurso dos 20 mandamentos produz um efeito de inversão: *um discurso de corpo ideal que despreza a saúde*. A busca pelo corpo magro como ideal de beleza se sobrepõe ao corpo saudável. Um corpo magro não aparece como resultado de uma vida saudável e, sim, de uma vida que segue ordenamentos radicais de como não absorver calorias ou de como eliminá-las.

O modo como as discursividades se apresentam nos mandamentos parecem produzir um receituário para como ser uma ana/mia, o que mais uma vez produz um efeito de inversão, pois receituário traz à tona a memória discursiva de uma orientação em prol da saúde e, no *blog*, esse receituário é um passo ou alguns passos para a aquisição de um ideal de corpo magro que leva à doença.

Ao abrirmos uma página de um buscador na internet como o Google, estamos criando a possibilidade de entrar em um universo diversificado graças às novas tecnologias de linguagem, sendo preciso considerar que, nesse universo, encontraremos o simbólico (linguagem) e o político (múltiplos sentidos), atuando na relação do sujeito com a materialidade digital (DIAS, 2011, p.11). Com efeito, pela análise realizada, é possível perceber que o *blog* é um espaço de interlocução mediada pela escrita. O leitor pode ser escritor e o escritor pode ser leitor.

Neste sentido, é importante ressaltar que o *blog* é um espaço onde a intimidade torna-se pública, porém, é camuflada pelo anonimato. Há ao longo de todo o *blog* uma busca por identificação e para isso é utilizado um padrão de beleza que provoca um desejo que estará sempre insaciado, que será sempre da ordem do desejo que não pode ser suprido, pois como diante do que é dito em um dos mandamentos, “Olhe no espelho e diga a vc mesmo que está gorda”, não há a possibilidade de estar magra o suficiente.

Através do discurso do *blog*, observamos a construção de um sujeito em funcionamento, que é sedimentada pela circulação social e autorizada pelo midiático. As novas tecnologias de linguagem permitem a circulação mais ampla desses sentidos de beleza, que silenciam o discurso de saúde e que podem ser rapidamente difundidos.

A circulação do discurso nesse *blog* configura-se como um perfil didático, de ensinamento, que silencia outros sentidos que não são autorizados, permitidos ou aprovados. O corpo desejante que busca o ideal de magreza, escondendo seu desejo de ser olhado, aprovado, de preencher sua incompletude no encontro com o outro e, através disso, tenta lidar com a alteridade.

Ao longo das análises aparece a necessidade ou o desejo de ser ana e mia. Em alguns trechos ana e mia são objetivos a serem alcançados como é o caso do fragmento “Olhe imagens de mulheres belas e magras diariamente, e torne-se uma delas” e em outros ana e mia personificam-se em amigas como verificamos em “Nunca abrir mão de sua amiga bulimia e de esportes”; ambos os fragmentos refletem uma necessidade de pertencimento e identificação. Tentativas de criar uma identificação para compor sua identidade e tentar preencher a incompletude.

A discursividade que se apresenta no *blog* é textualizada pelo corpo que tem por objetivo ossos aparentes. Orlandi (2006, p. 208) afirma que o sujeito se metaforiza “na sua busca de unidade, textualizando-se na pressão feita pelo modo como a linguagem se mostra omnipresente [...] tentativas de um fechamento impossível; vontade de não se perder na falta de fronteiras”. Nesta perspectiva, o corpo passa a ser visto como a materialidade que significa. Os ossos aparentes são sinais dessa discursividade que transgride, que inverte sentidos e que silencia sentidos, discursividade que no ciberespaço tem a possibilidade de ser autorizada e legitimada.

BIBLIOGRAFIA

BERGEL, Elisa Nunes. *Anorexia na rede mundial de computadores*. 2014. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1990/elisa%20bergel%20tcc.pdf?sequence=1>

COSTA, Greciely Cristina da. (Re)denominação: entre o dito, o silenciado e o dizível. In: CARROZZA, G; SANTOS, M.; SILVA, T. D. (Orgs). *Sujeito, Sociedade, Sentidos*. Campinas, Editora RG, 2012, p.79-88.

CLAUDINO, A. de M.; BORGES, M.B.F. Critérios diagnósticos para os transtornos alimentares: Conceitos em evolução In: *Ver. Brasileira de Psiquiatria* 2002; 24 (Supl. III): 7-12.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira. *As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias*. Santa Catarina, 2011, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/Id/v11n3/a09v11n3.pdf>.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 29. ed. Petrópolis: Vozes,(1987/2004) 2004. [1987]

GRIGOLETTO, Evandra; JOBIM, Ana Paula. A busca da identidade pela/na escrita virtual: uma análise de blogs “antipeso”. In: *Questões de Leitura no hipertexto [recurso eletrônico]* Miguel Rettenmaier, Tania M. K. Rösing (org). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

GRIGOLETTO, Evandra; JOBIM, Ana Paula. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. In: *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo v. 1.4 n. 11 p. 11 - 25 n o v. 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e conhecimento: produção e circulação da ciência. *Revista Rua*, p. 5-14, 2009. Disponível em: <http://www.Labeurb,unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=75>

LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP.

MEDINA, Camila Braga. *Corpo, subjetividade e tecnologia da comunicação: O cuidado de Si” na atualidade.* Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_94.pdf Acesso:15/10/2016.

ORLANDI, Eni P. (Org.) *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.* Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P (1999). *Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos.* Campinas: Pontes. NUDECRI, SP, n.11, março 2005.

ORLANDI, Eni P. *Para uma enciclopédia da cidade.* Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos sentidos.* Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2006.

_____. *O que é linguística?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia-discurso eletrônico, escola, cidade. *Revista RUA*, campinas, v.2, n.16, p. 5-17, 2010. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=91>

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos.* 11ª ed., Campinas: SP. Pontes Editora, 2013.

_____. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: Dias, Cristiane. *Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online].* Série e-urbano. Vol.2, 2013. Disponível em: <http://www.labeurb,unicamp.br/livroEurbano/LaboratóriodeEstudosUrbanos> -

_____. *Discurso e leitura.* Editora Cortez.3ªedição, 2012

PÊCHEUX, Michel. (1969). *Análise automática do discurso.* Trad. E.P. Orlandi. Editora UNICAMP, 3. ed., 1990.

PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.* Tradução: Eni P. Orlandi [ET al.]. Campinas: Editora Unicamp, 1995.317p.

PÊCHEUX, Michel (2011ª) *Metáfora e Interdiscurso* In: ORLANDI, Eni (org.) *Análise de Discurso:* Michel Pechêux. Ponte:Campinas.

PÊCHEUX, Michel, *A materialidade do gesto de interpretação e o discurso Eletrônico*. Disponível em: http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/urbanoVol2_EniOrlandi.pdf. Acesso em 10/11/2015

VINHAS, Luciana Lots. Seminário de estudos em análise do discurso “O acontecimento do discurso: filiações e rupturas”. Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2011. *O sujeito, ainda: o ser falante e a análise do discurso*.

ZEN, Tânia. *A construção do sujeito-leitor na crônica fotográfica*. 2007. 136p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual: Instituto de Estudos da Linguagem.